

Um passeio pelas ruas de Ponta Grossa: décadas de 1980 - 2000, um olhar sobre arte marginal

Rafael Mehret* | Fernanda Borges Gebeluka**

*A ride by the streets of Ponta Grossa:
decades de 1980 - 2000, a look about
marginal art*

Abstract

This study aims to accredit the marginal art as a means of social/ political / cultural expression, rescuing from a public opinion latest and natural concept of art, without, however fail to explain the concern with the contesting and ideological addition that the graffiti practical has on its original function. Believing to be indivisible the relationship artist / exhibition, opened here a way of interpretation for a public manifestation else of the work and the idea of urban artists in general, anonymous that intend to leave "their mark" in a marked society by the exclusion of everything that fleeing their parameters.

Keywords: graffiti, marginal art, social action.

*Un paseo por las calles de Ponta Grossa:
décadas de 1980 - 2000, una mirada al
arte marginal*

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo acreditar arte outsider como medio de manifestación socio / político / culturales, rescatando al público un concepto más actual y el arte natural, sin dejar de preocupación explícita con la incorporación ideológica y la impugnación de la práctica el graffiti tiene en su función original. Creer relación indivisible artista / demostración, aquí abrimos un camino de interpretación para una demostración pública de la obra y la idea de los artistas urbanos en general, anónimo dirigido dejar "huella" en una sociedad marcada por la exclusión de todo lo que huye a sus parámetros.

Palabras claves: pintada, arte outsider, la acción social.

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade acreditar a arte marginal como meio de manifestação sócio/político/cultural, resgatando da opinião pública um conceito mais atual e natural de arte, sem, contudo, deixar de explicitar a preocupação com o acréscimo ideológico e contestatório que a prática da pichação tem em sua função originária. Acreditando indivisível a relação artista/manifestação, abrimos aqui um caminho de interpretação para mais uma manifestação pública da obra e da ideia de artistas urbanos, em geral, anônimos que visam deixar "sua marca" em uma sociedade marcada pela exclusão de tudo que foge aos seus parâmetros.

Palavras-Chave: pichação, arte marginal, atuação social.

Introdução

O presente trabalho tem a finalidade de responder algumas perguntas e levantar outras tantas acerca da arte marginal, neste caso, representada pela pichação, entendida como uma manifestação urbana de cunho social, político e econômico. (AGUIAR DE SOUZA, 2007)

A crescente participação política e social da população é vista constantemente na sociedade, porém, em muitos casos reduzimos nossa condição de cidadão a eventos públicos previamente organizados pelos governos, o que acaba reduzindo nossa ideia do que é ser cidadão e das várias formas de atuação social que existem, e passam a

ser ignoradas ou rotuladas como sinônimo de desordem entre outros adjetivos comumente vistos na mídia.

A pichação vem ser mais uma destas formas de atuação acima citadas, nesse sentido buscamos

*. Especialista em Arte e Educação - Instituto ESAP.

**.. Especialista em Arte e Educação - Instituto ESAP.

algumas respostas bem como entender este movimento social, historicamente utilizado e, por muitos, marginalizados a ponto de diminuir o seu uso em sua função original, sendo utilizado pelos pichadores, em muitos casos, apenas como meio de depredação do patrimônio público e privado.

Qual a carga de culpa que a sociedade tem neste processo de marginalização e criminalização da pichação e do pichador? Existe ainda hoje sua utilização de forma contestatória e de manifestação da expressão social, artístico e político?

Todas estas perguntas delimitaram nosso “passeio” pelas ruas de Ponta Grossa, buscando, em uma cidade do interior paranaense, representações artísticas que nos levem a caminhos para responder tais dúvidas, assim sendo, entre os dias 01/07/2010 a 23/07/2010, passeamos pela cidade em busca de pichações que nos levassem a esse resgate histórico.

Analisamos as paredes de diversas construções em Ponta Grossa, num primeiro momento, principalmente nas periferias, por estarmos imbuídos de um pré conceito de que o pichador vem da periferia e nossa chance seria maior de encontrarmos nosso objeto de pesquisa, entretanto, víamos a pichação ser expressa, apenas em siglas de gangues, marcas pessoais de pichadores e mais comumente o graffiti.

Neste sentido, pensamos em reestruturar a pesquisa e passamos a olhar mais atentamente para o centro da cidade, onde enfim, encontramos uma riqueza imensa de material a ser examinado.

Fizemos uma pesquisa também em arquivos municipais, mas não tivemos êxito, e esta é mais uma questão que o trabalho veio levantar, mas logo respondida, uma vez que os arquivos públicos são geralmente governamentais, seja em âmbito municipal, estadual ou federal, e este mesmo governo criminalizou tal forma de expressão, a pichação não é então guardada, registrada como documento passível de interpretação de uma época.

Neste sentido, encontramos uma exceção no Museu Campos Gerais, da cidade de Ponta Grossa, onde a primeira foto do subtítulo “Andando pelas ruas de Ponta Grossa ontem e hoje”, subtítulo o qual partimos para análise das imagens coletadas, foi encontrada e guardada, mas apenas por fazer referência direta a um período histórico recente que passamos no Brasil.

No subtítulo, “Pichação – um conceito” buscamos através de uma revisão bibliográfica estabelecer a pichação enquanto movimento artístico, bem como discutir a relação que a sociedade tem para com esta forma de expressão, levantando as causas e conseqüências da opinião pública sobre o movimento.

Buscamos também traçar o perfil do pichador, enquanto grau de escolaridade, idade, e mesmo a opinião deste agente do movimento sobre o que ele acredita ser a pichação e o que ele espera desta manifestação.

No subtítulo, “Vox Populi”, buscamos na arte das histórias em quadrinhos, uma arte com preocupação estética e mercadológica, mostrar a pichação sendo utilizada como forma de manifestação e expressão, sem a mesma preocupação representada pelos quadrinhos, mas com uma importância equivalente.

Nesse contexto damos início ao trabalho sobre a pichação que apresentamos a seguir como mais uma forma de análise, interpretação e expressão artística presente na sociedade.

Pichação – um conceito.

Buscando uma resposta para nossas indagações acerca da representação daquilo que nos deparamos todos os dias, em muros, obras públicas entre outros, recorreremos à análise histórico/artístico destas manifestações que dividem opiniões.

As pichações geralmente não são vistas como manifestações artísticas, por encontrar na contramão uma manifestação conhecida como graffiti, já popularizada e aceita na sociedade; sendo assim:

O graffiti ganha força nas periferias e nos centros urbanos por constituir um canal através do qual os jovens podem representar sua subjetividade, materializar algumas de suas impressões sobre o mundo, e cresce no gosto das elites enquanto elemento de vanguarda na decoração de interiores, concretizando sua ponte da rua em direção à casa, ao passo que a pichação de muro permanece em sua posição estigmatizada de atividade desviante. (AGUIAR DE SOUZA¹, 2007)

No entanto,

A principal diferença entre as duas formas de intervenção consiste em que a pichação advém da escrita enquanto o graffiti está diretamente relacionado com as artes plásticas, com a pintura e a gravura. A primeira privilegia a palavra e a letra ao passo que a segunda relaciona-se com o desenho, com a representação plástica da imagem. (AGUIAR DE SOUZA, 2007)

Nessa ótica, vemos a necessidade de inserir o movimento de pichação na nossa sociedade atual, indo além desta discussão, vendo-o como representação prática do envolvimento e busca pela inserção político/social do indivíduo que picha.

O que está escrito, nesse âmbito, é mais importante do que como está escrito, pois o resgate histórico da pichação nos leva ao protesto, a contestação e a difusão de ideias, geralmente contrárias, àquelas que predominam na sociedade em que são produzidas, bem como, também, na representação artística, vista de diversas formas.

Sabe-se que pichações podiam ser vistas em paredes de antigas civilizações. A cidade de Pompéia vítima do vulcão Vesúvio, que entrou em erupção dia 24 de agosto de 79 d.C. (por isso foi preservada.) tinha muros onde predominavam todo o tipo de pichação, como xingamentos, propagandas políticas, anúncios, poesias...se escrevia de tudo nas paredes. Até na idade média, na época em que os inquisidores queimavam as bruxas cobrindo-as de piche, os padres pichavam as paredes dos conventos que eram rivais, ajudando a expor suas ideologias e criticar doutrinas contrárias, governantes, ditadores e todo tipo de pessoa ou instituição a quem se queria difamar. (AGUIAR DE SOUZA, 2007).

Percebemos que além das frases de efeito e do ódio, direcionado nas pichações, a qualquer que fossem seus “inimigos”, seja no campo político ou religioso, essas representações atingiram também a difusão de cultura, uma vez que a poesia passou a figurar nas paredes das cidades. Acaba-se por levar ao inverso do que se pretende desde o começo do capitalismo, já que esse sistema ao invés de divulgar e socializar a cultura vende-a e, assim, dificulta seu acesso às camadas sociais menos privilegiadas.

Porém sua função contestadora e de protesto ainda é o essencial na pichação, afinal ela popularizou-se no Brasil e no mundo durante os períodos conturbados de violência e repressão, como no caso do Brasil das décadas pós 60 com o regime militar, e no mundo durante o período do tão difundido maio de 68, na França onde “os gritos de liberdade dos estudantes eram também passados para os muros com os sprays, garantindo um maior potencial difusor às ideias.” (AGUIAR DE

SOUZA, 2007)

No Muro de Berlim, vemos suas pichações no lado ocidental, de domínio capitalista, com diversas frases de contestação e chingamentos ao regime comunista, instalado no outro lado do muro, então, a mídia e a opinião pública, ansiando pela queda definitiva do comunismo, destaca como “liberdade de expressão” e não “pichação”, ou seja, quando a pichação é utilizada para satisfazer os olhos do capitalismo, até a sociedade conservadora, que defende punições severas aos pichadores, neste momento aprovaram.

O fenômeno da pichação, definido como a prática transgressora de produzir escritos cifrados nas paredes de prédios e locais públicos das médias e grandes cidades, se alastra vertiginosamente no contexto urbano brasileiro atual. O sentido psicossocial do fenômeno articula processos identitários de seus autores, geralmente organizados em grupos de adolescentes, com matizes relacionados à transgressão, tanto em sua origem como nos seus desdobramentos. (Silveira, 1991).

A pichação está na história e nos tempos atuais, porém, hoje, ela passou a ser discutida por toda a sua “agressividade”, principalmente aos monumentos públicos, bem como residências privadas, essa pichação perdeu o sentido que tentamos resgatar neste estudo.

Atualmente o predomínio de declarações de amor, siglas pessoais e de gangues, encobrem todo o objetivo principal da pichação, e assim “A pichação, no entanto, tornou-se uma atividade repudiada e, de manifestação vanguardista ou cult, passou com o tempo a ser considerada por muitos a atividade dos ‘cupins urbanos’.” (AGUIAR DE SOUZA, 2007)

O resultado dessa deturpação do sentido da pichação que acabou por simplesmente “rabiscar” o maior número de edificações, sem preocupar-se com nada, além de deixar sua marca, ou apenas para alimentar o ego do autor desta, sendo a sociedade a principal a ser atingida e sofrer com a falta de preocupação em preservar o bem público, cria-se a necessidade de medidas como:

Apesar do recente abrandamento dos pequenos delitos através das transações legais e punições alternativas (notadamente a lei 9.099 dos JECRIMs), pela lei, "pichar, grafitar ou, por outro meio, conspurcar edificação ou monumento urbano é crime passível de detenção de três meses a um ano e multa", de acordo com o parágrafo 65 da Lei 9.605 de 12 de fevereiro de 1998 (que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências). Com a preocupação legal, no entanto, entra em cena o debate acerca do desvio e, nesse sentido, abre-se um leque ainda mais amplo relativo ao entendimento das motivações que levam os jovens à pichação. (AGUIAR DE SOUZA, 2007).

Assim sendo, buscamos retomar a discussão acerca de uma prática que ainda está presente na sociedade em suas raízes, ainda que em bem menor número. Nas ruas e muros da cidade de Ponta Grossa, vislumbramos algumas das frases que serão expostas e discutidas como forma de demonstrar as preocupações político/sociais ainda persistentes na sociedade.

Quem picha hoje?

O primeiro questionamento que nos surgiu, ao deslizar nas linhas deste trabalho, foi, QUEM picha. Essa indagação encontrou várias respostas relacionadas a envolvimento com gangues, com movimento hip hop ou mesmo apenas formas de projeção social.

Encontramos então estes quadros: (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008)

Autodescrição do "ser pichador" (a que relacionam o "ser pichador")	
Necessidade de expressar conteúdos internos	12 (37,5%)
Desejo de se tornar conhecido	7 (21,8%)
Prazer de se expor ao risco/perigo	7 (21,8%)
Ser pichador como reação à marginalização	2 (6,2%)
Uma prática similar ao trabalho	2 (6,2%)
Não deram respostas sobre a questão	2 (6,2%)
Descrição do que é "pichar"	
Necessidade de expressar emoções/pensamentos	16 (50%)
Procura em se tornar conhecido, ter íbope e vivenciar risco/perigo	8 (25%)
Procura em se tornar conhecido, ter íbope	3 (9,3%)
Não deram respostas nesse item	3 (9,3%)
Necessidade de obter auto-controle com essa prática	2 (6,2%)
Motivos na escolha dos locais pichados	
Importância da obtenção de "íbope" na escolha de lugares	10 (31,3)
Importância de picharem lugares altos	7 (21,8%)
Importância de se pichar em todos os lugares	4 (12,5%)
Importância em obter permissão do proprietário do imóvel para pichar	2 (6,2%)
O que é pichado por eles	
Picham "marcas", palavras únicas que denominam um dado grupo	30 (90,6%)
Não mencionaram o que picham	1 (3,1%)
Picha diversas formas de desenho	1 (3,1%)
A pichação mais significativa para eles	
Referem risco relacionado a uma autoridade policial ou civil	18 (56,2%)
Referem risco/perigo de forma geral	5 (15,6%)
Fazem alusão à "aventura"	3 (9,3%)
Fala sobre o "íbope" pelo ato cometido	1 (3,1%)

Quadro 1. Identidades e significados de "pichar"

Grupo étnico em que os jovens incluíam-se	
Percebidos como brancos pelo entrevistador e consideravam-se brancos	10 (31,2%)
Percebidos como mulatos pelo entrevistador e consideravam-se negros	7 (21,8%)
Percebidos como brancos pelo entrevistador e consideravam-se negros	6 (18,7%)
Percebidos como mulatos pelo entrevistador e consideravam-se mulatos	3 (9,3%)
Percebido como mulato pelo entrevistador e considerava-se branco	1 (3,1%)
Os que picham sozinhos ou em grupo	
Picham em grupo	23 (71,8%)
Picham em grupo e sozinhos	8 (25%)
Picha sozinho	1 (3,1%)
Sobre a liderança do grupo ("cabeças" de suas "marcas")	
Grupos que tinham líderes e "alianças" com grupos maiores ("grifes")	23 (71,8%)
Grupos que não tinham líderes e "alianças" com grupos maiores ("grifes")	8 (25%)
Como percebem as leis	
As leis podem ou não ter sentido, relativizam	25 (78,1%)
Necessidade de obedecê-las, embora não o façam	7 (21,9%)
Como julgam que a sociedade os percebe	
Citam que a sociedade os percebe como vândalos e marginais	32 (100%)
Como percebem a polícia e julgam que a polícia os percebe	
Pensam que a polícia os percebe como marginais e vagabundos	32 (100%)
Vêm a polícia de forma negativa, violenta e corrupta	25 (78,1%)
Vêm a polícia como aqueles que fazem o seu trabalho	7 (21,8%)

Quadro 2. Identidade étnica, composição grupal e percepção da sociedade

Vemos que ainda há a preocupação em expressar sentimentos internos, que não tem lugar nesta sociedade, baseado no princípio que a análise foi feita com jovens entre 13-23 anos, e estes cada vez mais são excluídos e excluem-se dos envolvimento sociais:

Em relação à escolaridade, 19 (59,3%) tinham nível fundamental incompleto, 10 (31,3%) tinham nível médio incompleto e três (9,4%) tinham completado ensino fundamental. Em relação a estarem estudando ou não, 19 (59,3%) ainda estudavam e 13 (40,6%) tinham interrompido os estudos, sendo que todos que interromperam os estudos o fizeram no nível fundamental. Os motivos alegados para a interrupção dos estudos foram: ter cometido algum ato infracional e/ou ter sido detido (6: 18,7%), necessidade de trabalhar (3: 9,3%) e, finalmente, não apresentaram motivos (3: 9,3%). (CEARÁ; DALGALARRONDO; 2008).

Esses dados apontam para uma questão ainda mais relevante, a exclusão social começa com a exclusão da escola, uma vez que 40,6% interromperam seus estudos no nível fundamental e apenas 31,3% declararam possuir o nível médio incompleto.

Ainda que uma pequena maioria declare-se estar estudando (59,3%), sabe-se que o nível de atraso na escolaridade, as necessidades de emprego que totalizaram 9,3%, e o envolvimento precoce com atos infracionais, 18,7%, somam uma grande parcela de evasão escolar, o que dificulta ainda mais a inserção político/crítica/ social destes indivíduos que buscam, através de formas que julgamos inapropriadas por poluir visualmente, lançar mão de ideias nada convencionais que busca apenas uma projeção social, *ibope*, reconhecimento (quadro 1).

Estas questões revelam toda uma estrutura social onde vemos que apenas 6,2%, veem o ato de ser pichador como uma reação à marginalização (quadro 1), o que nos evidencia mais um grande problema em invertermos a opinião pública, que acabou por criminalizar a pichação, uma vez que apenas uma pequena minoria ainda remonta ideias de contestação a sua condição social, política e econômica.

Mesmo assim, a pichação,

Possivelmente, a auto-expressão no grupo e na comunidade, associada à necessidade de possuir visibilidade social e construir uma identidade transgressora, mas, ao mesmo tempo, notável, foram mais fortes e determinantes do que as proibições religiosas e morais. Outra possibilidade explicativa para essa alta adesão às igrejas evangélicas é que “compartimentalizem” os dois universos: o da pichação, o mundo dos “moleques”, do “piche”, do “*ibope*” e o mundo da igreja, dos cultos e prescrição dos pastores. O fato deles apresentarem um percentual (19: 59%) de afiliação a igrejas evangélicas ainda maior que suas mães (13: 41%) é intrigante e possivelmente implique buscas por outras formas de socialização em tais denominações. (CEARÁ; DALGALARRONDO; 2008).

As imposições sociais (religiosas, morais) mostram mais uma vez o círculo fechado de atitudes que se espera de um jovem, que o tornam “apropriado” à sociedade, porém, cabe a pergunta: E os inapropriados? Como estes se expressam?

Segundo Ceará e Dalgarrondo:

Todos os sujeitos afirmaram que a sociedade os percebia de maneira depreciativa, como vândalos, “vagabundos” e marginais. Isso indica uma relação de atrito e conflito entre sociedade e esses grupos de jovens. Essa relação intensifica o sectarismo já existente nos grupos. Intensifica-se assim a fricção presente no contato sociedade/adolescente, e, segundo Oliveira (1976), isso pode acrescentar significação ideologicamente negativa, desvalorizada, à construção da identidade desses jovens(2008).

Esses padrões, no entanto, criam a necessidade de uma via paralela, onde eles possam buscar essa libertação, mas por consequência, a pichação, que serviria a tal propósito, acaba marginalizando-os e criminalizando-os, e isso causa o retorno da busca por instituições religiosas que os agreguem e insiram-nos dentro da lei, porém volta-se o cerco que fecha o jovem.

Isso leva ao contraponto, onde o jovem vê que:

Sendo assim, a ausência de crítica sobre suas práticas, aliadas ao inconformismo com aquilo que as autoridades, e de forma mais abrangente, a sociedade, assinalam como positivo, proporciona ao adolescente uma paradoxal reação, conformando e organizando o que Erikson (1972) denominou identidade negativa.(CEARÁ; DALGALARRONDO; 2008).

Estas investigações buscam atenção para práticas sociais, que podem ajudar na formação e ampliação de espaços para formas de expressão culturais, sociais, políticas e econômicas, estas que, por sua marginalização por parte da sociedade, acabaram por tornarem-se realmente uma manifestação apenas de depreciação e destruição da cidade em seu meio público.

Para Erikson (1972), as reações de repúdio e desqualificação do meio proporcionam a construção de formas identitárias possíveis de serem assumidas, ainda que reprovadas socialmente. Tais identidades negativas são revestidas de notoriedade, principalmente pelo incômodo e visibilidade que implicam, como ocorre com os pichadores. A reprovação social passa, então, a ser o ponto de partida para uma nova identidade assumida, uma identidade viável para a quem restaria um vazio identitário talvez insuportável.(CEARÁ; DALGALARRONDO; 2008).

Vox Populi

No primeiro subtítulo, discutimos toda a argumentação teórica da pichação e sua inserção social e, neste segundo subtítulo, buscamos argumentar a pichação enquanto forma de contextualização da arte, neste caso representada pelas histórias em quadrinhos.

A pichação representada na arte expõe exatamente o que buscamos ressaltar neste trabalho, sua presença na sociedade enquanto forma de expressão crítico social, neste caso visto na nota de abertura da obra *V de Vingança*, em que o autor ressalta:

Eu dei início a *V DE VINGANÇA* no verão de 1981, durante um feriado na ilha de Wight, que dediquei inteiramente ao trabalho. [...]

Juntamente com a *Marvelman* (*Miracleman* nos EUA), *V DE VINGANÇA* representa minha primeira tentativa de produzir uma série em continuação. Minha carreira estava apenas se iniciando. Por essa e outras razões, nos primeiros episódios, certas partes soam estranhas quando avaliadas à luz do desenvolvimento posterior da série. Espero, no entanto, que você tolere qualquer deslize e concorde que foi melhor apresentar os primeiros episódios sem alterações em vez de erradicar todos os traços de imaturidade criativa.

Há também certa inexperiência política de minha parte, muito evidente nos capítulos mais antigos. Em 1981, o termo “inverno nuclear” ainda não havia se tornado corriqueiro e, embora meu palpite sobre as catástrofes climáticas chagasse bastante perto da realidade, a trama ainda assim sugere que uma guerra nuclear poderia deixar sobreviventes. Pelo que sei hoje, não é o caso.

Também se evidencia uma dose de ingenuidade na nossa suposição de que seria necessário algo tão dramático quanto um conflito nuclear para lançar a Inglaterra no fascismo. Se bem que, fazendo justiça a mim e a David, os quadrinhos daquela época não traziam previsões melhores ou mais precisas sobre o futuro de nosso país. O simples fato de que boa parte do cenário histórico advém de uma suposta derrota dos Conservadores nas eleições gerais de 1982 deve dar uma idéia razoável de como estávamos estagnados e éramos ineptos em nosso papel de *Cassandras*.

Estamos em 1988 agora. Margaret Thatcher está entrando em seu terceiro mandato e fala confiante de uma liderança ininterrupta dos Conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a idéia de campos de concentração para pessoas com AIDS. Os soldados da tropa de choque usam visores negros, bem como seus cavalos; e suas unidades móveis têm câmeras de vídeo rotativas instaladas no teto. O governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até mesmo como conceito abstrato. Só posso especular sobre qual minoria será alvo dos próximos ataques. Estou pensando em deixar o país com minha família em breve, Esta terra está cada vez mais fria e hostil, e eu não gosto mais daqui!

Boa noite, Inglaterra. Boa noite, BBC local e V de Vitória.

Olá, Voz do Destino e V DE VINGANÇA. (MOORE, Alan. Northampton, março de 1988).

Na revista em quadrinhos “V de Vingança”, o autor britânico, Alan Moore em parceria com Dave Gibbons e David Lloyd, buscam divulgar toda ira e indignação contra uma sociedade fascista, onde a censura e a opressão imperam.

Alan Moore, nascido em Northampton em 1953, tornou-se conhecido pelas suas histórias em quadrinho, principalmente a obra “Watchmen” lançada em 1985. David Lloyd, britânico Londrino, nascido em 1951, é desenhista desde 1977. Dave Gibbons fez carreira nos quadrinhos independentes e fanzines antes de se tornar um colaborador constante na 2000 AD, o semanário de quadrinhos mais conceituado da Inglaterra.

No subtítulo Vox Populi, da referida revista e que titula também esta parte de nosso estudo, vemos que Moore e Lloyd, buscam demonstrar a indignação da personagem, uma menina de classe média revoltada com toda a situação de opressão que está inserida, e esta, externa sua ira através da pichação.

Nota-se que não há nenhuma busca por traços plásticos, ou desenhos de embelezamento visual, o que há, é uma busca por colocar para fora sua ira contra todos que de alguma forma legitimam sua situação.

A “Vox Populi”, sendo “Voz do Povo” (tradução livre), fica aqui representada através do quadrinho no qual a menina rabisca o muro com uma lata de spray, sem preocupação com nada além da vontade de expressar-se, e de demonstrar sua opinião, calada pela censura e autoritarismo comum na maioria dos governos.

Conforme podemos ler no quadrinho apresentado: “Merda de seu Susan, Merda de Destino...Merda de pai, Merda de Dona Platt da escola”, a repetição da palavra “merda”, mostra sua



(V de Vingança - Alan Moore; David Lloyd. Capítulo: “Vox Populi”. Revista IV. Editora Globo/SP, p.42. DC Comics, 1990)

angústia por libertar-se, por tentar ver-se livre de toda a rede de autoridade representada pelos personagens citados.

A revolta se dá contra o antagonista da trama, Adam Susan, líder fascista, que instala todo um aparato de censura na Inglaterra, bem como contra um destes mecanismos de censura o “Destino”, ou “Voz do Destino”, aparato de comunicação onde o partido fascista manipula informações e propaga suas ideias. Porém, a revolta continua contra seu pai, ou a família, que impõem a ela uma condição de inferioridade em relação a comportamentos, padrões de conduta e moral e contra a escola, autoridade dos professores, detentores do conhecimento, que dificilmente aceitam que alguém expresse suas opiniões, ainda mais se com o objetivo de questionar as condições sociais e as “verdades” por esses propagadas.

Por fim, a menina picha o símbolo do personagem principal da história, o “V”, um justiceiro, que baseado nos ideais anarquistas de liberdade, consciência e livre-arbítrio, tenta despertar a sociedade contra a onda fascista que domina todo o cenário. Ao pichar este símbolo, ela faz aderir aos ideais que ele propaga, uma busca pela liberdade contra a autoridade, pela livre expressão, que é o objetivo da pichação, a luta por expressar-se, uma busca de jovens, como a nossa personagem em questão, que não tem voz ativa na sociedade em que está inserida.

Ela encontrou na pichação um meio de enquadrar tudo que estava calado, de divulgar tudo que ela pensava, foi sua luta por fazer-se ver e ouvir (ler), mesmo em uma sociedade onde ela foi marginalizada. Na oitava tira, vemos a figura do ditador, perguntando “Como meu país preencherá o silêncio?”, e a disposição da última tira com o símbolo do “justiceiro”, aparece como uma resposta, pichada a mão, em um muro público, é a voz do povo respondendo, com ideais, com ideias, com luta pelos direitos, assim um povo, um país, uma pessoa, preenche todo o silêncio imposto sobre suas vidas.

Entendemos então, a revolta, o grito por justiça, buscado pelos autores, sendo trazida pela fala da personagem da menina, e principalmente pela sua atitude de pichação, a revolta contra a situação em que estavam os autores inseridos quando da autoria da revista, justificada na nota de abertura da revista, nas palavras do próprio Alan Moore.

É compreensível a citação indireta da pichação como manifestação de contestação político/social expressa pelos autores, e vem responder, ainda que parcialmente, o que buscamos com o presente trabalho, entender que a manifestação da pichação, em sua função originária, busca um sentido mais abrangente que apenas o rabisco, busca ser uma opção para a liberdade de expressão e ativismo social.

No próximo subtítulo, vamos apresentar as pichações que encontramos nas ruas da cidade de Ponta Grossa, e que deram origem a toda essa busca por respostas, e tentar interpretá-las, analisá-las, de forma a compreender na prática sua função.

Andando pelas ruas de Ponta Grossa ontem e hoje

Depois de traçarmos toda a discussão acerca da pichação, enquanto movimento artístico/

expressivo, partimos, neste momento, para a análise de caso do material coletado nas ruas da cidade de



CRAV (Centro de Recursos Audio Visuais da UEPG) - frente ao portão do bloco B, Rua Riachuelo, 1980

Ponta Grossa, entre os dias 01/07/2010 até 23/07/2010. Buscamos fotografar algumas das pichações com as quais nos deparamos e faremos aqui uma análise de nove fotografias atuais, e uma da década de 1980.

Caminhando para os anos finais do período da ditadura militar no Brasil, que se deu entre 1964-1985, “... passeatas, ocupações, protestos, comícios, lutas de rua em todo o país, e sobretudo nas capitais dos estados, mas não apenas nelas, também em cidades médias e

pequenas...” (REIS FILHO, 1999: 70), passam a ser constantes e cada vez mais intensas, o que fica evidente na foto, onde se lê em letras grandes “Abaixo a Repressão” e sem nenhuma preocupação plástica, mas de cunho extremamente relevante para o contexto social da década, é mais um grito presente na sociedade pontagrossense, como parte de um todo que sofria com as repressões características do momento.

Durante o período da ditadura militar no Brasil, o país foi marcado por agitações políticas e lutas sociais que envolveram repressão, movimento estudantil, tortura e exílio. Naquela época, os jovens participavam de movimento estudantil como uma forma de indignação e protesto. Correr riscos fazia parte desse ideal revolucionário. Foi uma época em que os estudantes se uniam por um ideal e reivindicavam uma sociedade mais justa e igualitária. Esses jovens foram os principais protagonistas das manifestações que ocorriam no país, e utilizavam como meios de protesto o teatro, a música e os jornais alternativos, que às vezes elaboravam de forma clandestina por causa da censura. (BORGES; RODRIGUES; LAUÁ. Taubaté, SP. 2010)

Ao contrário das pichações de gangues e marcas pessoais, onde o objetivo é apenas demarcar território e se auto promover, vemos que a fácil acessibilidade da pichação, seus traços nem um pouco rebuscados, “joga” diretamente na visão dos cidadãos a mensagem que se propõe, é uma forma de expressão artística.

Por falta de fontes arquivísticas disponíveis, nos obrigamos a um salto em nossa análise para os dias atuais. Coletada em Ponta Grossa, na região central, esta pichação demonstra o ressurgimento de um movimento que foi marginalizado em todo o mundo, o movimento anarquista, principalmente nos momentos de ditaduras, “a partir dos anos 20 e 30, inicialmente os anarquistas, depois, os comunistas, durante o regime militar (64-84), todos que se opunham a este, eram considerados como “inimigos da sociedade” e, portanto, objeto de uma forte repressão, nos anos 80”. (SUDBRACK. Apud ABRANCHES. SP, 2004)

Movimento este que segundo FARIA NOGUEIRA: “a melhor definição e explicação sobre o que é o anarquismo vem de um dos seus maiores pensadores”. Na Enciclopédia Britânica, Kropotkin (1910) define anarquismo como:

É o nome dado ao princípio ou teoria de vida e conduta em que a sociedade é concebida sem governo – a harmonia em tal sociedade é obtida, não pela submissão a leis, ou pela obediência a alguma autoridade, mas pela livre concordância estabelecida entre vários grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos em favor da produção e do consumo, e também para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado. Em uma sociedade desenvolvida nessas linhas, as associações voluntárias que estarão presentes em todos os campos da atividade humana, se estenderão de tal forma que substituirão o estado em todas suas funções. Elas constituirão uma rede composta por uma variedade infinita de grupos e federações de todos os tamanhos e graus, locais, regionais, nacionais e internacionais temporárias ou mais ou menos permanentes – para todos os possíveis propósitos: produção, consumo e troca, comunicações, arranjos sanitários, educação, proteção mútua, defesa do território, e assim por diante; e, por outro lado, para a satisfação de um número crescente de necessidades científicas, artísticas, literárias e sociais.

O símbolo apresentado diz respeito ao movimento anarquista, segundo YACUBIN; KROLL; TUDREY; BRAZ:

Por fim, mas não menos importante, a vogal em caixa alta A, circulado, talvez o símbolo mais representativo do anarquismo, que, de acordo com Peter Marshall em *Demanding the Impossible*, “representa a máxima de Proudhon ‘Anarquia é Ordem.’” (2005)

Porém, para SHANTZ “A verdadeira citação de *What is Poverty?* (O que é Pobreza?) é “Um homem busca justiça na igualdade, então a sociedade busca ordem na anarquia”, apud BERMAN, 1972.” (2004)

Essa profundidade encontrada na imagem nos remete a todo o contexto vivido, e que com a atual “liberdade de expressão”, buscou uma forma de se reinserir na sociedade. No entanto, como não dispomos do autor da pichação, por motivos óbvios de leis que os deteriam caso surgissem, devemos considerar a hipótese desta representar apenas uma imagem de contestação, sem todo o contexto histórico apresentado.

Tal possibilidade não desmerece a intenção nem o descontentamento com toda ordem vigente, onde cada dia mais vemos governantes, e esse é o principal alvo do movimento anarquista, envolvidos nos mais diferentes escândalos, ou mesmo à sociedade, com suas regras e leis que relegam a ilegalidade e associam a anarquia à desordem, como vemos na definição abaixo:

anarquia: a.nar.qui.a: sf (gr *anarkhía*) 1 Estado de um povo em que o poder público, ou de governo, tenha desaparecido. 2 Negação do princípio de autoridade. 3 Confusão, desordem. 4 Desmoralização. 5 Filos polít Sistema político e social em que o indivíduo se desenvolveria livremente, segundo seus dotes naturais, pelo que a sociedade poderia dispensar o governo. Antôn (acepção 3): ordem.²



(Rua Balduino Taques ao lado lotérica 19-07-10)

Tal definição é uma parte dominante nas críticas aos pichadores e pichações da cidade de Ponta Grossa, uma vez que encontramos um número enorme de emblemas anarquistas junto com pichações do mais alto grau de preocupação política, isso gera nos movimentos, tanto da anarquia quanto da pichação, um elo inseparável e deturpador, relegando a desordem toda a arte e consciência política apresentada nesses muros.

A preocupação com a deturpação que todo um movimento pode sofrer com o descuido de alguns profissionais fica evidente ao analisarmos esta fotografia.

A frase de uma palavra só termina com um ponto de interrogação, elucidando uma dúvida, acerca de um tema tão atual na nossa vida social e política, sobre o que é e o que significa democracia

O termo democracia “tem sua origem no termo grego antigo *demokratía*, no qual *demo* significa povo e *kratia*, governo. De forma popular, podemos definir democracia como o “governo do povo, pelo povo e para o povo” (BORGES, 2008), no qual este tenha a soberania para decidir seus rumos sociais, políticos, econômicos, etc.

Ao longo do tempo, subvertemos essa forma política, ao criarmos a democracia representativa, onde elegemos um representante para fazer o nosso serviço de cuidar e preservar a vida e as decisões que a envolvem direta ou indiretamente.

Com isso começam todas as dúvidas e questionamentos representados nessa pichação, onde o povo estabeleceu, junto com seus representantes, uma ditadura da maioria, relegando a minoria a situações de desinteresse econômico e social, por não condizer com as ideias representadas pelos eleitos.

No mundo da escolha, que a democracia viria a representar, vemos jovens obrigados ao exercício militar aos 18 anos, bem como a obrigatoriedade do voto na mesma idade. Tais medidas descaracterizam todo o sistema representado pela democracia, uma vez que levamos o povo a não decisão sobre suas vidas, julga-mos incapazes por essas decisões e tomamos medidas arbitrárias e excludentes.

Mas a figura tem duas letras “a”, representadas pelo símbolo anarquista, já citado anteriormente, ou seja, toda esta pequena discussão, delimitada até aqui, pode ser simplesmente ignorada, uma vez que ao associar a dúvida presente aos símbolos, e estes ao dicionário, vamos encontrar o sinônimo da desordem pública.



(Av. Balduino Taques. Frente do Colégio Estadual Julio Teodorico -19-07-10)

Na foto 04, vemos um grito por liberdade e inserção política, quando um pichador, reivindica seus direitos, e mais que isso, quando este faz um grito pela cultivação de seus direitos, criando também uma metáfora com o símbolo abaixo, representando uma folha de maconha, onde expressa sua opinião a favor de legalização desta substância.



(Av. Silva Jardim - Centro. 23/07/2010)

todos os direitos que ele possui e não faz uso, ou então, sua imobilidade pela ampliação destes.

A função da arte, assim como dos conhecimentos transmitidos por todos os meios a todos os seres humanos, é despertar uma reflexão no indivíduo, porém é passível de não atingir seus objetivos, mas isso não isenta a questão da necessidade de se continuar a fazê-las.

Na pichação, vemos a possibilidade de assuntos polêmicos e de interesse social, muitas vezes calados pelo conservadorismo social, serem escancarados como, na foto 05, a seguir.

Uma frase extremamente chocante para os padrões sociais, a foto 05 apresenta uma discussão que não está nas conversas do dia a dia, a não ser, em alguns casos e de forma comum, pois aborda um assunto delicado socialmente, uma vez que a utilização da droga gera lucros em absurdo para o estado paralelo brasileiro, principalmente pela sua ilegalidade.



(Rua Ermelino de Leão - 23/07/2010)

Setores sociais brasileiros excluem das decisões, como já vimos na linha da democracia brasileira, o povo de seu processo de decisão sobre várias questões, e essa é mais uma que não entra nas discussões, por correr o risco de abrir a possibilidade de uma apelação a favor desta reivindicação,

assim agredindo os setores mais conservadores da sociedade, que influenciam de forma decisiva nos padrões morais a serem seguidos.

Estes setores sociais dominam a circulação das ideias e da cultura que deverá reger os parâmetros sociais, e o grito pela libertação foi encontrado em Ponta Grossa da seguinte maneira;

Esta pichação, em um muro improvisado, localiza-se próximo ao Museu Campos Gerais, na mesma rua do Teatro Ópera e na rua de acesso à Casa da Memória da cidade de Ponta Grossa, ou seja, formulada em um importante local de acesso a qualquer um desses centros culturais, algum pichador, artista por excelência, cria uma frase, que perscruta os meandros do governo da cidade, bem como das camadas sociais em um geral que acabam alienadas ou mesmo, coniventes com a privatização da cultura.



(Rua XV de novembro - frente ao Hotel Planalto 21/07/2010)

Esse assunto remonta o começo de nosso trabalho, quando ressaltamos a importância da pichação inclusive para dar acesso a cultura aos menos favorecidos economicamente na sociedade, como os poemas imortalizados nas paredes de Pompéia pelo vulcão Vesúvio:

As paredes suportavam todo tipo de escrita, desde a puramente informativa como a divulgação dos dias e locais de feiras livres, passando por anúncios comerciais e de espetáculos e propaganda política até os textos jocosos, geralmente de caráter sexual. (Rodríguez, 2004).

Aqui a função é um pouco diferenciada, mas a luta por tal acesso criou uma expressão de impacto, onde ao tornarmos a cultura privada e não mais pública, aumentariam os custos e restringiria ainda mais o acesso à mesma.



(Rua Monteiro Lobato. 23/07/2010)

movimento punk, como mostra acima:

Esse “grito” é um apelo a todos os cidadãos que por ali passam, para que não deixem que a cultura, os meios culturais sejam colocados cada vez mais distantes da população, mas que o povo se una contra a privatização que será o abismo de separação entre população e cultura.

Os movimentos envolvidos, como já discutimos, são marginalizados perante a opinião pública, uma vez que são associados ao anarquismo e também ao

Este escrito representa bem o movimento punk e a sua ligação com o movimento anarquista, realça uma série de ligações entre todas as linhas de pensamento estruturadas até aqui.

Não delimitamos todos os pichadores como anarquistas ou punk's, mas ressaltamos a inserção destes movimentos de forma mais aberta nas questões da pichação, sendo assim, vemos a luta social por questões estigmatizadas, bem como a manifestação acerca de questões mundiais como representado ao lado na foto

Esta pichação ressalta um resgate da história da humanidade, com o movimento nazista, estabelecido na Alemanha por Adolf Hitler, e que foi protagonista da Segunda Guerra Mundial. Diversos acontecimentos surgem aos olhos do mundo, como a perseguição às minorias, restrição das liberdades individuais, bem como da liberdade de expressão, típicos de regimes totalitários como o fascismo e o nazismo.

Tanto um quanto o outro incorporaram simbolicamente o fascínio das revoluções, rompendo com o quadro ideológico da direita clássica, vinculada, com frequência, à Igreja e ao pensamento católico (Furet 1995). Não é possível, pois, interpretar o fenômeno nazista sem levar em conta a irrupção das massas na arena política, embaladas pelo sonho do “socialismo nacional”, da unidade da pátria e, no caso específico do nazismo, da supremacia da raça ariana. Afora isso, o nazismo representou uma mudança de qualidade — se é que se pode brincar nesse terreno com as palavras — no tocante à utilização da teoria da superioridade racial e do anti-semitismo. (BÓRIS FAUSTO, 1998)

A suástica cortada ao meio já está muito representativa, porém a pequena exclamação ao lado dá mais ênfase à situação mundial, quando este pede um FORA a sistemas ditatoriais e excludentes que permeiam a sociedade desde seus primórdios.

Tudo isso até agora representado de forma a não esconder-se, bem como, antes ser o choque de realidade na população, trouxe a pichação a uma nova etapa, o grapicho, que é um estilo híbrido de escrita, combinando pichação e graffiti. (MANCO; 2005) como, na foto 09, ao lado.

Nessa pichação, vemos fortes traços diferenciados dos que estamos analisando até agora, uma vez que surge a arte do grapicho, este estilo de arte possui características próprias e é um pouco mais “aceitado” pela sociedade, mas não exclui todo o caráter contestatório que estamos buscando até aqui.

Na atual e vibrante cena, os artistas continuam a fazer sua parte na excepcional história do graffiti brasileiro, ao passo que desenvolvem suas trajetórias individuais. Os estilos continuam a aparecer, com artistas que misturaram pichação e graffiti e desenvolveram o “grapicho” (um estilo híbrido de escrita, combinando pichação e graffiti). Os artistas de rua reavivaram o estêncil e outras antigas tradições de pôsteres. O ato de pichar um muro, originalmente politicamente motivado, continua nos dias de hoje com o mesmo espírito e



(Rua Conselheiro Barradas, 23/07/2010)



(Rua Teodoro Rosas, 19-07-10)

desafio. Os recursos são otimizados, e o seu risco de ser preso, sofrer uma brutalidade policial, humilhação é aumentado se você grafitar fora das áreas toleradas. Aparentemente ninguém foi desestimulado por esses entraves, e o graffiti aqui transformou-se em um estilo de vida, um laço entre os amigos e uma essencial liberdade de expressão. (MANCO, 2005 apud AGUIAR DE SOUZA, 2007. Tradução de AGUIAR DE SOUZA):

Esse graficho mostra nitidamente suas diferenças, quando em primeiro momento, vemos a plástica das letras e as palavras, sua preocupação em ser lido e compreendido, sem usar símbolos ou marcas pessoais, ele assina seu nome embaixo, como um pintor assinaria sua obra de arte.

O fato de o artista em questão não se preocupar em manter sigilo sobre sua autoria, já é um forte traço da cultura popular, aceitando essa forma de manifestação, e sua consciência política e social não se torna secundário por isso.

O contexto atual, que nos aparece na frase, desperta a preocupação do artista com o enorme investimento das máquinas governamentais em realizar grandes eventos esportivos, com custos absurdos, como a recente copa do mundo de futebol (2010), bem como as olimpíadas (2008), que poderiam ser realizados de forma a não esquecer e relegar uma grande população como a do nosso país, e mesmo de lugares mais pobres como o continente africano, a passar fome e necessidades básicas nas periferias para custear estas exposições esportivas.

Não busco aqui dialogar sobre a importância da realização de tais eventos, muito menos minimizar a importância social da prática de esportes, mas, juntamente com o artista acima, deixo o questionamento sobre as prioridades que nossa sociedade vem estabelecendo, onde a falta de recursos básicos de primeira necessidade são gritantes, não apenas em nosso país, mas em muitos lugares do mundo, porém, continuam nos dando o circo⁴, de nossa velha política, e vamos fechando os olhos.



(Rua Julio de Castilhos esq. Balduino Taques 19-07-10)

Esta situação representada de forma mais plástica, mas não menos impactante, mostra nossa busca pelos anseios sociais representados nos diferentes momentos da

história da cidade de Ponta Grossa, culminando na última foto selecionada, a foto 10.

O grito de liberdade seja política, cultural, social, econômica apresenta-se, nessa foto, como um desfecho a todas as demandas, uma vez que a exclamação vem em tom de conselho, inserindo nos cidadãos uma ideia de liberdade, esta que só se consegue com muito envolvimento, proporcionando não só a si, mas lutando para ampliá-la a todas as camadas sociais que são deveras excluídas dos processos sociais.

Ser livre nos dias de hoje é uma tarefa que alcançamos com a educação, com o envolvimento e a dedicação para a construção de um mundo melhor. Em pleno século da culpa, onde começamos a expiar os pecados de todas as gerações passadas contra a humanidade e o planeta num geral, o ser livre atinge uma importância ainda maior.

Considerações finais

As ruas da Cidade de Ponta Grossa nos levaram a um passeio pelos tempos, as pichações não foram conservadas e nem serão, sabe-se lá quantas outras foram pintadas, apagadas, quantos muros foram derrubados, quantos ainda existem para serem analisados, mas a busca por respostas acerca do que se quer dizer e de quem diz nos foi elucidado em partes.

A contracultura foi manifestada nessas linhas na forma da pichação, quando retomamos mais uma forma de cultura marginalizada pela sociedade por ser ainda vista como meio depreciativo ao patrimônio público.

No entanto, a arte que envolve a pichação em sua mais rude representação ressalta também a importância de se fazer arte neste sentido, e não restringir conceitos de arte que fechem um método e se valorize mais que outros.

O graficho, como foi estudado nestas linhas, vem a ser o meio termo entre a pichação e uma forma mais aceita e mais “bem vista” de manifestação em muros e paredes.

Pichar, escrever, pintar, grafitar, seja a forma como a arte foi vista e interpretada aqui, vemos a valorização da opinião pública e a luta pela livre expressão.

Ressaltamos a importância dessa manifestação, também por mostrar sua possibilidade interpretativa, quando através destas linhas, revivemos vários contextos históricos da atualidade e do passado, que veem na pichação uma forma de divulgação.

Creemos a história como um processo em movimento, assim como a arte e suas várias formas de manifestação, encontramos aqui uma forma de juntar tais áreas, em um processo convergente o qual atinge e insere o ser, como protagonista da construção histórica.

A prática da pichação deveria ser estudada, direcionada e incentivada nas escolas, reuniões de grupos, e principalmente debatida como conteúdo político/social/cultural, que ajudam na formação da sociedade presente.

Na época da inclusão, fechar os olhos, negar tal expressão ou simplesmente rotulá-la como atividade ilegal, hoje em dia, seria o mesmo que relegar uma grande parcela da sociedade ao esquecimento, e junto suas concepções de vida em sociedade.

Referências

ABRANCHES, Rayanne Nunes. “Manifestações coletivas: O regime civil-militar contestado nos espaços públicos da região central de Belo Horizonte de 1964 à 1968”. **XIV Encontro Regional da Anpuh – Rio**. Memória e Patrimônio – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

AGUIAR DE SOUZA, David da Costa. **Pichação carioca :etnografia e uma proposta de entendimento**. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, março de 2007.

BORGES, Benedito. **Gestão democrática da escola pública: perguntas e respostas**. Maringá: Edição do autor, 2008.

BORGES, Alessandra; RODRIGUES, Gisele; LAUÁ, Maurílio. Mostra sua cara. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVII Prêmio Expocom 2010. Taubaté, São Paulo.

CEARA, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 Set 2010.

FARIA NOGUEIRA, Alexandre Peixoto. **O anarquismo como método de análise geográfica: uma breve reflexão epistemológica**. sem data

FAUSTO, Boris. A interpretação do Nazismo na visão de Norbert Elias. IN: **MANA** vo. 4, n. 1, pp. 141-152, 1998. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2429.pdf>, acesso em 16/10/2010.

MOORE, Alan; LLOYD, David. **V de Vingança. Revista IV**. Editora Globo/SP. DC Comics, 1990.

RODRÍGUEZ, Alfredo Maceira. “Dos grafiteiros de Pompéia aos pichadores atuais.” **Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. – Ano 10, nº 29, 2004 – Rio de Janeiro: CiFEFiL.

SHANTZ, Jeffrey Arnold. **Anarquia é ordem: movimentos anarquistas como políticas construtivas**. Impulso: Piracicaba, 2004.

SILVEIRA, N. E. **Superfícies alteradas: uma categoria dos grafites da cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

SUDBRACK, Umberto Guaspari. “O extermínio de meninos de rua no Brasil.” **PERSPEC**. vol 18. nº 01. São Paulo, 2004

YACUBIN, Flávia; KROLL, Guilherme; TUDREY, Natália; BRAZ, William. Publicações independentes anarquistas editadas por jovens. **XXVIII INETRCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. UERJ, set 2005.

Site

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=anarquia>> Acesso em: 15 out 2010.

Recebido em: 06/09/2012

Aprovado em: 05/06/2013

¹ David da Costa Aguiar de Souza, Mestre em Sociologia pelo PPGSA / UFRJ e Doutorando em Sociologia pelo IUPERJ.

² (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=anarquia>).

³ In today's vibrant graffiti scene, artists continue to play their part in Brazil's exceptional graffiti story while taking their own individual paths. Styles continue to evolve, with writers who have been mixing pichação and graffiti to make grapicho (a hybrid lettering style combining graffiti and pichação). Street artists have been reviving stencils and older poster traditions. The act of writing graffiti on a wall, which was originally politically motivated, continues today with that same spirit of defiance. Resources are stretched, and you risk imprisonment, police brutality, humiliation is much worse if you do graffiti outside the tolerated areas. Still no one seems deterred, as graffiti here has become a vital lifestyle, a bond between friends and an essential freedom of expression. MANCO, Tristan. Graffiti Brasil. 2005 página 18, apud (AGUIAR DE SOUZA, 2007.)

⁴ Política do pão e circo, instaurada em Roma, durante o governo de Otávio Augusto, 27 a.C - 14 a.C, onde a população recebia comida e diversão para que aceitasse as condições sociais e políticas que estavam sendo impostas pelo governo. Aqui, a comparação nos vale pelo questionamento, principalmente da ausência do pão, mas da aceitação e apaziguamento social que o circo continua exercendo na população.